

A Coluna do Kina

EXPERIÊNCIA

Experience

“... Mais adiante, na mesma estrada – no topo de um morro –, homens tiravam pedras. Subi para observar. – Tá vendo essa linha?, dizia o velho homem. Eu não via. – Pois vai pocá aqui. Dito e feito: sentava a marreta num ponto e a pedra vinha se abrindo de cima a baixo, bem onde ele apontara. – É que tem uma linha na pedra. Não tá vendo? – Sinceramente?...não.”¹

Faz vinte anos que me formei. *Tempus fugit*, implacável, como diz a oração. Lembro, quando iniciei minha carreira profissional, que um dos aspectos mais valorizados era a experiência. Achava aquilo insuportável, injusto e injustificável a um recém-formado. Observava – do alto dos meus vinte e poucos anos – pessoas com vinte e poucos anos de carreira. Achava-os velhos, empolados e lentos, deitados sobre a “experiência” (hoje, creio, sou visto da mesma forma pelos recém-ingressos no mercado).

Acreditava – acredito? – que minha juventude, velocidade, energia e um diploma reluzente bastavam. Ignorava (no bom sentido que a juventude permitia) as etapas necessárias do desenvolvimento. Só que as “etapas do desenvolvimento” não podem – ou não devem? – ser puladas. Desconhecia que apenas o conhecimento teórico e as poucas horas de experiência (em cadeiras, laboratórios e clínicas da universidade) eram apenas o início, e não o fim do aprendizado e que a tal “experiência profissional” precisaria ser adquirida e forjada no tempo, muitas vezes, a longo prazo, nos pequenos acertos e erros cotidianos que constroem e dão direção e, em especial, algumas vezes, de forma instantânea, nos grandes acertos e erros que deixam marcas profundas, que desconstroem e mudam a direção: experiência(s).

No decorrer da vida, a sucessão de experimentos pelos quais passamos tende a tornar a mente cada vez mais hábil na tarefa de sobreviver. Vamos armazenando uma vasta biblioteca de lembranças sobre as ações que realizamos e seus respectivos resultados – aquisição que constitui o aprendizado. Na vida, o que acontece naturalmente em cada experiência ganha traços muito fortes na mente e, justamente por isso, é preciso entender que cada um é sempre o desenho de sua própria e exclusiva coleção de informações, captada a cada momento em seu percurso pelo mundo. Dizendo isso de outro modo, toda mente é sempre uma mentemídia,² uma mídia de si mesma. Ela é mídia de si mesma, e não apenas um veículo pelo qual passam as informações. A mente é um laboratório permanente de processos que vão desenhando sua própria forma a cada situação que se apresenta.

Por isso, “cada um, cada um”, sua mente e suas experiências só podem se mostrar a si mesmas de forma específica. A

experiência não pode ser herdada, aprendida ou apreendida de outrem, ela necessita ser vivida por nós mesmos, como nas palavras de Bhagawan e Amma:³ “*Você se torna a sua (própria) experiência*”. Mas, por favor, a coisa não é tão simplista como algo do tipo “basta envelhecer”. É preciso viver em intensidade, como alerta Veríssimo:⁴ “*...gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando; porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive, já morreu*”. É engraçado, mas a experiência necessita de experiências – boas e ruins –, em que é preciso deixar claro que a evolução não tem alvos distantes e não trabalha com nenhum modelo de perfeição final.

Não é um caso de viver ou trabalhar vinte anos. Trabalhar vinte dias já é experiência, pode ser pouca ou muita, depende simplesmente da intensidade com que se vive e do quanto ela toca nossos sentidos e sentimentos. A experiência trabalha por seleção cumulativa, e ao final parece que tudo é resgate de algo já vivido no passado, ao mesmo tempo em que se torna incrivelmente nova, à medida que enfrenta, recebe e acolhe novas situações. De qualquer sorte, creio, ela é um reflexo da maturidade, não tanto da idade, mas do espírito que nos faz aprender e enxergar a partir de toda experiência absorvida e experimentada pelos sentidos. É como lentes de aumento que não foram feitas apenas para corrigir, mas, especialmente para ampliar nossa visão. Visão além do conhecimento. Como diria o velho homem: “*...vai pocá aqui, tá vendo a linha? – Agora? ...agora, sim!*”

1. Texto adaptado do escritor e gravador Alexandre Alberto Martins, *Duas notas de desenho*.

2. Mentemídia é uma analogia da teoria Corpomídia, desenvolvida pelas pesquisadoras Helena Katz e Christine Greiner, que propõem um entendimento do corpo como mídia de si mesmo, e não como um processador de informações. Disponível em: <www.semlel.com.br>.

3. Sri Amma e Bhagavan são os fundadores do “Movimento da unidade”.

4. Luís Fernando Veríssimo é um escritor, jornalista, humorista e cronista brasileiro, filho do também escritor Érico Veríssimo. É o escritor que mais vende livros no Brasil.

P.S.: Este texto é dedicado a todos meus colegas de turma de vinte anos atrás, na linda Florianópolis, na querida Universidade Federal de Santa Catarina. Amigos da juventude, de uma época em que nos era permitido sonhar com muito mais liberdade. Espero que os sonhos de ontem tenham realmente se tornado a realidade de hoje, e que os sonhos de hoje sejam a esperança do amanhã.



*"Trabalhar vinte dias já é experiência,
pode ser pouca ou muita, depende
simplesmente da intensidade com que
se vive e do quanto ela toca nossos
sentidos e sentimentos"*



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br